

A construção de uma norma de masculinidade em Portugal durante a Grande Guerra – um estudo de caso

Luís CUNHA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

luiscunha174@gmail.com

RESUMO: A partir da obra *Regras práticas de higiene individual, aproveitando com grande vantagem aos soldados portugueses em campanha*, publicada em 1915 pelo Dr. Manuel Ferreira Ribeiro, Coronel-Médico da Academia de Ciências, este estudo de caso pretende identificar a construção de uma norma de masculinidade em Portugal durante a Grande Guerra, analisar as características dessa norma, os mecanismos que o soldado deveria utilizar de modo a conseguir alcançá-la e que ligações podem ser estabelecidas entre esta e o modelo ideal do cidadão nacional republicano. Por outro lado, procura-se também analisar o papel da medicina e da higiene, à época, como instrumentos disciplinadores do corpo.

PALAVRAS-CHAVE: masculinidade; Portugal; Grande Guerra

THE CONSTRUCTION OF A NORM OF MASCULINITY IN PORTUGAL DURING THE GREAT WAR – A CASE STUDY

ABSTRACT: Based on the work *Regras práticas de higiene individual, aproveitando com grande vantagem aos soldados portugueses em campanha*, published in 1915 by Dr Manuel Ferreira Ribeiro, Medical Colonel at the Academy of Sciences, this case study aims to identify the construction of a norm of masculinity in Portugal during the Great War, analyse the characteristics of this norm, the mechanisms that soldiers were expected to employ in order to achieve it, and what links can be established between this norm and the ideal model of the republican national citizen. Furthermore, it seeks to analyse the role of medicine and hygiene at the time as instruments for disciplining the body.

KEYWORDS: Masculinity; Portugal; Great War

LA CONSTRUCCIÓN DE UNA NORMA DE MASCULINIDAD EN PORTUGAL DURANTE LA GRAN GUERRA: UN ESTUDIO DE CASO

RESUMEN: A partir de la obra *Regras práticas de higiene individual, aproveitando com grande vantagem aos soldados portugueses em campanha*, publicada en 1915 por el Dr. Manuel Ferreira Ribeiro, coronel médico de la Academia de Ciencias, este estudio de caso pretende identificar la construcción de una norma de masculinidad en Portugal durante la Gran Guerra, analizar las características de dicha norma, los mecanismos que el soldado debía utilizar para alcanzarla y qué vínculos pueden establecerse entre esta y el modelo ideal del ciudadano nacional republicano. Por otra parte, se busca también analizar el papel de la medicina y la higiene, en aquella época, como instrumentos disciplinadores del cuerpo.

PALABRAS CLAVE: Masculinidad; Portugal; Gran Guerra

LA CONSTRUCTION D'UNE NORME DE MASCULINITÉ AU PORTUGAL PENDANT LA GRANDE GUERRE – UNE ÉTUDE DE CAS

RÉSUMÉ: À partir de l'ouvrage *Regras práticas de higiene individual, aproveitando com grande vantagem aos soldados portugueses em campanha*, publié en 1915 par le Dr Manuel Ferreira Ribeiro, colonel-médecin de l'Académie des sciences, cette étude de cas vise à identifier la construction d'une norme de masculinité au Portugal pendant la Grande Guerre, à analyser les caractéristiques de cette norme, les mécanismes que le soldat devait utiliser pour y parvenir et les liens qui peuvent être établis entre celle-ci et le modèle idéal du citoyen républicain national. D'autre part, elle cherche également à analyser le rôle de la médecine et de l'hygiène, à l'époque, en tant qu'instruments de discipline du corps.

MOTS-CLÉS: Masculinité; Portugal; Grande Guerre

1. Introdução

As obras de Graham Dawson (1994), Joanna Bourke (1996) e George Mosse (1996) foram pioneiras na ligação que estabeleceram entre os estudos da masculinidade e os estudos da Grande Guerra. É possível identificar duas tendências na historiografia que se seguiu a estes trabalhos. Por um lado, influenciados pelo *cultural turn* aberto pela História de Género e na linha das obras de Dawson e Mosse, vários autores têm-se focado no estudo da construção de uma norma de masculinidade através da análise das representações e dos discursos da época. Por outro lado, seguindo o caminho aberto por Bourke, outros autores procuram estudar a masculinidade através da experiência vivida pelos combatentes, utilizando como principais fontes os escritos pessoais destes. No primeiro grupo, podem-se incluir autores como Michael Paris (2000), Allen Frantzen (2004) e Leo Braudy (2005), sendo o segundo grupo composto por autores como Michael Roper (2004), Jessica Meyer (2009) e Stéphane Audoin-Rouzeau (2020)¹.

Importa ainda referir o importante contributo dos autores que analisam o processo de construção do Estado-Nação moderno e da identidade nacional à luz do prisma da masculinidade. Além de Mosse, autores como Joane Nagel (1998), John Horne (2004) e Christopher Forth (2008), argumentam que a construção dos Estados-Nação é acompanhada pela construção de uma nova norma de masculinidade.

Em Portugal, o artigo de Sílvia Correia (2023) enquadra a questão da masculinidade através da experiência dos soldados com deficiências resultantes da participação na Grande Guerra. Na linha de autores como Mosse e Horne, Mário Lugarinho afirma a importância do trinómio “nacionalidade-masculinidade-heroísmo” no processo de construção da identidade nacional portuguesa (Lugarinho, 2013: 18) e Paulo Guinote

¹ Para uma revisão mais completa da historiografia sobre masculinidade na Grande Guerra ver Carden-Coyne (2015).

(2011) identifica um modelo de masculinidade ideal vigente durante o século XIX português.

A Grande Guerra foi um evento marcadamente masculino. Ao mesmo tempo que se difundia a imagem da guerra como dependente do bom funcionamento da camaradagem dos soldados que viviam, lutavam e morriam juntos nas trincheiras, esta era vista por vários voluntários como um teste da sua masculinidade (Mosse, 1996: 107-108). Contudo, o conflito não adicionou nenhuma nova característica ao estereótipo de masculinidade moderna identificado por Mosse, tendo apenas intensificado certos aspetos do mesmo, como o nacionalismo, que a guerra terá ligado mais intimamente que nunca à norma de masculinidade moderna. Por outro lado, a historiografia atual não reconhece a existência de um único estereótipo normativo de masculinidade antes, durante e após o conflito (Nye, 2007: 420). Neste sentido, Jessica Meyer distingue dois tipos de identidade masculina que se apresentavam aos soldados britânicos: por um lado, uma identidade heroica, associada à frente de guerra e à sua esfera homosocial, e por outro, uma identidade doméstica, que enfatizava o papel do homem como filho, pai e marido (Meyer, 2009: 2) e que aparece patente, sobretudo, nos escritos pessoais dos combatentes. A primeira identidade foi construída, discursiva e culturalmente, ao longo do século XIX, através de diversos mecanismos, desde a literatura infantil, à propaganda e ao próprio sistema educativo. Este esforço, resultou, na Grã-Bretanha de finais do século XIX, na difusão de um “popular militarismo” (Summers, 1976 citada em Paris, 2000: 8), ou seja, a “widespread acceptance that the practice of war was a natural and legitimate activity, a new respect for the army and military-style organization and admiration for the soldier as a masculine ideal” (Paris, 2000: 8).

Devido ao carácter da fonte utilizada para este estudo de caso, foi a partir destas afirmações que se procurou perceber de que forma é que um tipo de identidade semelhante aparece representada na obra de Manuel Ferreira Ribeiro, quais as características que esta devia assumir e qual o papel dos mecanismos que o soldado devia empregar de modo a poder incorporá-la. As considerações que se apresentam são o resultado do esforço de reunião e sistematização dos traços, tanto físicos como psicológicos, que Ferreira Ribeiro considera comporem o soldado masculino ideal. Este estudo de caso dialoga com a bibliografia acima apresentada, de modo a conseguir extrair conclusões, para o caso português, que possam ser interpretadas à luz desses debates historiográficos.

2. Metodologia

A fonte analisada neste estudo tinha como objetivo apresentar aos soldados mobilizados (e mobilizáveis) para a guerra um conjunto de regras de higiene individual e de exercícios físicos que estes deviam realizar durante os tempos de inatividade bélica na frente de guerra de modo a puderem conservar a sua saúde, as suas forças físicas e, como ficará demonstrado, uma certa norma de masculinidade.

Orientado pelas questões de investigação acima expostas, este trabalho adota uma metodologia exclusivamente qualitativa, focada numa análise intensiva e por categorias. O primeiro passo foi, então, dividir a obra consoante os seus capítulos e a análise de cada

capítulo tendo em conta três categorias. A primeira categoria trata dos *aspectos médicos* e encontra-se ramificada em subcategorias que, respetivamente, pretendem captar os conteúdos acerca dos problemas médicos identificados na obra, os seus perigos e as formas de tratamento apresentadas. A segunda categoria abrange os *aspectos físicos* e desdobra-se em duas subcategorias, que contém em si as informações acerca das características físicas desejáveis e das formas apresentadas para as alcançar. Por fim, a terceira categoria está relacionada com os *aspectos psicológicos* (ou não físicos) e engloba todas as características não relacionadas com o corpo que o soldado deve também possuir. Estas categorias não são, contudo, totalmente independentes e parte importante da metodologia prende-se com as ligações existentes entre elas e suas informações.

Este trabalho utiliza, ainda, como base teórica dois conceitos propostos por diferentes autores e que se referem a dois campos distintos. A análise da norma de masculinidade presente na obra será feita tendo em conta o conceito de “iconic masculinity” proposto por Simon Yarrow (2011: 116). A utilidade deste conceito reside no facto de englobar em si tanto os esforços, por parte das elites do poder, de criação de normas de interpretação que associam uma certa prática social e certos símbolos a uma norma masculina hegemónica, como o trabalho de interpretação dos indivíduos que a reconhecem e que procuram agir em conformidade com ela.

O segundo conceito utilizado relaciona-se com o tratamento do corpo. Neste sentido, o conceito de “disciplinas” proposto por Michel Foucault ajuda a esclarecer melhor o papel dos vários exercícios e regras de higiene, descritos na fonte, como “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (Foucault, 1999: 164).

3. O físico ideal

Para o médico, a nível físico, o soldado ideal deve ser *robusto, forte, resistente, ágil, atlético* e deve possuir um corpo *harmonioso e belo*, demonstrando o *vigor* deste. Importa começar por sublinhar que o autor apenas raramente faz referência individual a cada um destes traços, sendo bastante mais frequente a sua combinação. Ao apresentar o propósito da obra, o autor refere que esta pretende “aperfeiçoar e desenvolver o homem tornando-o forte e robusto, o mais perfeito possível, dando-lhe maior resistência orgânica, maior duração da vida” (Ribeiro, 1915: 31). Na mesma linha, o autor refere que as regras de higiene apresentadas na obra têm como objetivo tornar os soldados “robustos, muito ágeis, preparando-se, a valer, para as lutas, em que teem de entrar, mostrando-se *verdadeiros atletas*” (Ribeiro, 1915: 15) e, mais à frente, sublinha a importância dos exercícios respiratórios, cuja realização deve ser o “primeiro dever de toda a pessoa [...] que deseja adquirir vigor, conservar as forças e a necessária robustez física” (Ribeiro, 1915: 89).

A atletividade surge como componente indispensável do estereótipo do soldado ideal. Segundo o autor da fonte, não “é necessário ser atleta para gosar, por completo, de todas as faculdades do organismo e manter boa saude [...] mas é necessário ser bom

² Todo o itálico que se encontre dentro de uma citação é feito pelo autor da mesma e não pelo autor do artigo.

atleta para ser um guerreiro combatente capaz de lutar e de vencer” (Ribeiro, 1915: 92). O destaque que o médico dá à capacidade atlética do soldado pode ser explicado pelo lugar que o desporto assume na sociedade ocidental a partir do século XIX. O discurso sobre a importância do desporto acompanha o discurso sobre a decadência e a doença desta sociedade. Neste contexto, a atividade desportiva é apresentada como uma forma de higiene, uma forma de evitar os efeitos nocivos da modernidade (Forth, 2008: 134). Por sua vez, nos finais do século XIX, à ideia de decadência da civilização é cada vez mais associada a ideia de decadência da “raça”, sendo que tanto o *regeneracionismo* em Espanha (McFarland, 2023: 95) como o republicanismo em Portugal irão atribuir à atividade desportiva a missão de regenerar³ física e moralmente a população (Vaquinhas, 1992: 367), tendo a Grande Guerra provocado a reabilitação do heroísmo guerreiro, “evidenciando a necessidade de fortificar a saúde [e] a coragem pela educação física e pela higiene” (Brás & Neves, 2009: 2). O movimento republicano reservará no seu projeto demopédico um importante lugar à ginástica, de modo “a que a regeneração do corpo e da própria ‘raça’ [...] se harmonizasse com a educação moral e intelectual” (Catroga, 2010: 269). O desporto possuía, assim, uma dupla finalidade: a constituição de uma “educação total para o nacional” e a formação de “corpos robustos e aguerridos para a defesa da pátria” (Thiesse, 2000: 237). Por outro lado, importa sublinhar que os discursos sobre a regeneração nacional e racial incluíam uma componente de re-*virilização*, uma vez que em finais do século XIX, às ideias de decadência e degenerescência estava associada a ideia de perda da masculinidade (Mosse, 1996: 86), sendo que em Portugal, Paulo Guinote identifica a representação, em várias fontes, de “um Adão inseguro” (Guinote, 2011: 81). É, então, dentro deste contexto que se devem analisar as menções feitas à necessidade de se formar soldados que sejam “bons atletas” (Ribeiro, 1915: 23), sendo uma das suas preocupações, precisamente, “transformar a população e aperfeiçoar a raça” (Ribeiro, 1915: 38) portuguesa, “no seio da qual se deparam bastantes causas de degenerescência, e onde se observam faltas prejudiciais ao avigoramento do povo” (Ribeiro, 1915: 122-3). De facto, embora Forth olhe para a atividade desportiva como forma dos soldados se manterem ativos e potencialmente mobilizáveis em tempos de paz (Forth, 2008: 134), é interessante notar como Ferreira Ribeiro sublinha a importância da realização da atividade desportiva durante a permanência dos soldados portugueses nas trincheiras. Nas suas palavras, tem “grandíssimo valor a boa prática dos exercícios, do bom manejo das armas e ainda dos grandes *sports*, dedicando-se os soldados da melhor vontade á sua regular execução sob as ordens superiores” (Ribeiro, 1915: 23). A interligação entre a instituição militar e o desporto é fomentada pela I República, sendo que a reforma militar de 1911 já havia introduzido a noção de um “Exército educador” (Ferreira, 1992: 43) que deveria promover não só a integração dos soldados no quadro nacional, como também o melhoramento das condições físicas destes. Segundo Nuno Domingos, esta reforma enquadrava-se no objetivo republicano mais amplo de criação da “nação armada”, à semelhança do modelo militar seguido em França (Domingos, 2025: 9-10), país onde a ideia da *levée en masse* assume uma importância significativa desde a época da Revolução, representando um importante mito político precisamente

³ A função regeneradora do desporto dizia, no entanto, respeito apenas ao homem e não à mulher. A sacralização da feminilidade como uma virtude essencial da mulher fazia com que o desporto fosse visto como algo que desnaturalizava a condição feminina (Rauch, 2020: 304-5).

“because it sought to turn the coercive institution of conscription into the internalised duty of the citizen to serve the nation as a soldier”. Formava-se, assim, um mito de masculinidade nacionalizada que tinha como objetivo aumentar o número das forças armadas da nação, sobretudo em momentos em que se exigia a mobilização maciça da população (Horne, 2004: 31).

A resistência é outro aspeto da norma de masculinidade presente na obra. Na fonte analisada, a resistência que deve caracterizar o soldado ideal possui uma dupla dimensão. Ela assume o carácter de “plena resistencia orgânica” (Ribeiro, 1915: 62), ou seja, de resistência às doenças, mas também de resistência às “privações, por que possam passar” os soldados. É interessante notar como esta segunda forma de resistência é apresentada pelo autor como sendo um “sagrado dever” do soldado (Ribeiro, 1915: 27). Desta forma, a “quiet strenght”, que é característica do estereótipo de masculinidade normativa moderna identificado por Mosse, aparece associada a um outro traço desse mesmo estereótipo que a Grande Guerra viria a intensificar, o impulso de colocar a masculinidade ao serviço de um ideal superior ao interesse individual, sendo que a pátria personificava este ideal (Mosse, 1996: 109).

Por último, embora a sua menção seja rara, importa destacar o facto de o autor da fonte mencionar que se deve observar “no corpo, em primeiro lugar, a *perfeita paridade*, nos seus dois lados—direito e esquerdo—e a harmonia, que deve realizar-se em todas as suas funções, o que mantém a boa saúde” (Ribeiro, 1915: 52). Deve-se garantir o “bom equilíbrio estático” e “a boa harmonia funcional” (Ribeiro, 1915: 53) pois só assim se “conserva a bela forma do corpo” (Ribeiro, 1915: 54). A partir da sucessão destas citações fica claro que à ideia de harmonia corporal se encontra associada a ideia de beleza, ambas correspondendo a traços do estereótipo de masculinidade normativa moderna identificado por Mosse. Segundo o autor, a partir de meados do século XVIII, o corpo masculino passa a ser julgado de acordo com um padrão estabelecido de beleza masculina composto pelos princípios gerais de balanço, proporção e moderação (Mosse, 1996: 23), que estão patentes nas citações acima expostas. Além disso, a harmonia corporal surgia como indicador de uma boa saúde masculina, sendo que no Brasil, também durante a Grande Guerra, acreditava-se na possibilidade de se fazerem avaliações científicas de indicadores como a robustez, a vitalidade e a harmonia do corpo masculino (Maranhão, 2023: 101).

4. O psicológico ideal

Passando para o campo psicológico, o soldado idealizado na fonte deve-se apresentar como modelo de *patriotismo*, *valentia* e *coragem*, mas também de *heroísmo*, *obediência* e *disciplina*. Na passagem das sociedades hierárquicas de Antigo Regime para as sociedades democráticas, os Estados modernos enfrentaram “the problem of inculcating the ‘natural’ courage and sangfroid of the nobleman into the mass of men for whom military service was a consequence of their natural rights”. Desta forma, a coragem surge como uma das mais prezadas virtudes da identidade masculina, sendo que a importância atribuída a este valor é intensificada em momentos de crise militar e de medo de declínio nacional, o que acontece, em geral, no ocidente europeu de finais de oitocentos e inícios de novecentos, passando a coragem a ser vista como uma qualidade universalmente

reconhecida (Nye, 1993: 217). Assim, enquanto Ferreira Ribeiro assinala o facto de Portugal possuir “soldados valentes e corajosos” (Ribeiro, 1915: 17), o autor faz o esforço de relembrar ao leitor da obra (sendo o destinatário principal desta o próprio soldado) a necessidade de manutenção destas características durante os momentos de maior adversidade. Neste sentido, a coragem aparece associada à ideia de resistência. É a “superior coragem” dos soldados portugueses que “os leva a prepararem-se para a resistência aos ataques, que lhes façam” (Ribeiro, 1915: 25), sendo, também, como já foi visto, “sagrado dever” destes soldados “suportar com toda a coragem as privações, por que possam passar” (Ribeiro, 1915: 27).

Por outro lado, os soldados são apresentados como exemplo de heroísmo, sendo que o autor chega mesmo a fazer referência direta aos “heroicos reservistas das lutas de França” (Ribeiro, 1915: 22). Acerca desta questão, é interessante notar a forma como o heroísmo e o soldado masculino ideal são enquadrados dentro de uma temporalidade que conceptualiza a masculinidade normativa moderna “through a narrative of absence that is inevitably identified with lack and loss, resulting in nostalgia for an imagined corporeal plenitude” (Forth, 2008: 10). A atividade militar tinha como objetivo proporcionar aos homens uma condição física semelhante à dos antepassados nacionais, revelando assim uma continuidade corporal com o passado que revitalizaria o presente da nação e a prepararia para o futuro (Forth, 2008: 130). Neste sentido, a afirmação de que os soldados portugueses se devem mostrar “dignos sucessores dos valentes de Aljubarrota e do Bussaco” (Ribeiro, 1915: 25) ganha maior relevância. O soldado português deve incorporar no seu corpo os traços atribuídos ao corpo dos seus antepassados heroicos, que surgem como exemplos da norma de masculinidade que se pretende definir. A masculinidade aparece, então, enquadrada num historicismo republicano que entende o tempo “numa perspectiva cumulativa, linear e irreversível, fazendo da perfectabilidade humana e da ideia de progresso os seus verdadeiros suportes” (Catroga, 2010: 122), sendo que esta tendência natural da história para o progresso é apenas interrompida por momentos desviantes que resultam na decadência da nação e da “raça” e que tornam apenas mais urgente a missão redentora protagonizada pela República. Parte daí que “os republicanos não propugnavam por uma ruptura, antes se proclamavam legítimos herdeiros das tradições mais progressistas” da história portuguesa (Catroga, 2010: 127). Desta forma, tanto Aljubarrota como o Bussaco surgem como eventos representativos de períodos históricos (respetivamente, a crise de 1383-85 e as invasões francesas) em que o medo da perda de independência nacional fez reacender e acentuar a “mítica essência democrática” da qual o republicanismo português assumia ser herdeiro (Catroga, 2010: 124). Por outro lado, a Grande Guerra é apresentada na fonte como uma luta pela independência nacional, à semelhança das duas batalhas mencionadas. Ao separar os blocos em confronto, o autor refere que de um lado está “a liberdade, a civilização, a justiça, a nossa propria independência” (Ribeiro, 1915: 24). O passado surge, assim, como um local idealizado de onde se deveriam resgatar os verdadeiros valores nacionais que, ao serem aplicados no presente, levariam à reafirmação da grandeza da nação, recolocando-a no sentido do progresso. Neste sentido, como afirma Ernesto Castro Leal, o guerrismo republicano “transportava uma visão profética redentora”, ancorada, em parte, numa “justificação ética de uma proposta de revigoração moral das energias nacionais que o soldado encarnava” (Leal, 2000: 445).

Este revigoreamento moral passaria, portanto, também, por uma regeneração corporal da masculinidade imbuída nos corpos dos antepassados heroicos da nação portuguesa. Os antigos combatentes, heróis nacionais, são “portadores dos valores culturais e psicológicos característicos do masculino” (Matos, 1990: 122), representantes “de um modelo corporal de beleza, força e vigor” (Crespo, 1990: 495) que o soldado da Grande Guerra devia incorporar.

A completar as características psicológicas que compõem a norma de masculinidade patente na fonte, encontra-se a obediência e a disciplina. Ferreira Ribeiro afirma que os “soldados, como é sabido, teem de obedecer ás exigências do comando, e carecem do maior sangue frio para satisfazerem com promptidão e segurança as ordens, que lhes são dadas” (Ribeiro, 1915: 52). Por outro lado, a atividade física e militar é tida, pelo autor, como mecanismo apto a imprimir no soldado a obediência às ordens dos seus superiores. Nas palavras do médico, a “plena educação físico-militar” torna os soldados “muito aptos para perceberem prontamente a voz do comando e de prontamente lhe obedecerem, executando sem hesitação os movimentos, que lhes são ordenados e as manobras, que teem de executar” (Ribeiro, 1915: 26). O exercício militar surge simultaneamente como meio de treinar o corpo para responder (obedecer) a ordens externas e interiorizar essas mesmas ordens (Forth, 2008: 129).

A separação entre atributos físicos e não-físicos acima exposta é resultado de um exercício hermenêutico formal. Isto, porque, na prática, a masculinidade normativa era vista “as of one piece from its very beginning: body and soul, outward appearance and inward virtue were supposed to form one harmonious whole, a perfect construct where every part was in its place” (Mosse, 1996: 5). A ideia de integralidade, de unidade entre o físico e o não-físico, é, assim, característica central da norma masculina apresentada na fonte em questão. Numa época em que o corpo masculino possuía grande importância simbólica, torna-se impossível dissociar esses dois campos, uma vez que o aspeto exterior era visto, à época, como o espelho do aspeto interior, da moralidade do indivíduo. Ideais abstratos, como a coragem e a disciplina, ganhavam, assim, uma forma corporal, sendo este processo, para Mosse, uma das principais forças do estereótipo masculino, uma vez que este “could be seen, touched, or even talked to, a living reminder of human beauty, of the proper morals, and of a longed-for Utopia” (Mosse, 1996: 6).

Utilizando o conceito de “iconic masculinity” proposto por Simon Yarrow, o lugar da guerra como um “site for the display of symbols, gestures and qualities, all designed to prompt normative interpretive responses” (Yarrow, 2011: 122) fica mais claro. De facto, o autor da fonte não se preocupa apenas em estabelecer uma representação do que considera ser uma norma de masculinidade ou um modelo do soldado ideal, mas sim em estabelecer normas de interpretação que permitam que o soldado individual reconheça tal representação como desejável, procurando, assim, incorporá-la de modo a produzir as respostas normativas que o autor da obra considera serem adequadas. Neste sentido, por exemplo, ao afirmar que o soldado ideal é obediente, o autor procura gerar uma certa resposta normativa por parte dos soldados - o respeito a qualquer ordem vinda dos seus superiores, que é vista como essencial à manutenção das hierarquias da instituição militar e à própria condução da guerra.

5. O soldado como o cidadão nacional ideal

Acima mencionada, a ideia de *patriotismo* assume uma relevância particular, uma vez que é através de si que se pode analisar a relação entre a norma de masculinidade presente na obra e o modelo do cidadão nacional republicano. Com a abolição dos absolutismos monárquicos, o Estado deixa de estar representado na figura do rei, para passar a estar representado “in the male body itself, and the body's destiny for glory or defeat is that of the nation as a whole” (Bryson, 1994: 247). A própria formulação da ideia de nação é acompanhada por novas formulações da masculinidade. E uma vez que a guerra sempre havia sido vista como um espaço reservado ao prestígio masculino, “an updated and idealised version of the soldier provided one form of masculine claim on the nation”. Para Horne, o voluntário disposto a sacrificar-se pela defesa da Pátria era a expressão mais óbvia desta ideia (Horne, 2004: 27-8). A extinção da sociedade hierárquica de Antigo Regime e a difusão dos princípios presentes na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão permitiram a generalização da ideia do cidadão-soldado, “a male citizen willing to fight and sacrifice for the political community of which he is a full member” (Dudink & Hagemann, 2004: 12). No caso concreto do republicanismo português, o “homem novo” projetado por este movimento deveria ser marcadamente patriota e sentir-se “racional e afectivamente sensibilizado pela ideias, valores e símbolos nacionais [...] em relação aos quais seria lícito aceitar um devotamento que podia ir até à abnegação” (Catroga, 2010: 289). O soldado combatente na Grande Guerra surge como o expoente maior desta ideia.

O consenso cada vez maior reunido à volta da opção intervencionista levou à formação de uma “ética do patriotismo” que é moldada à medida que uma nova hierarquia social “devedora da coragem física e da integridade moral” passa a incluir a intenção de morrer e de matar pela Pátria, valorizando-se, crescentemente, a figura do soldado comum (Leal, 2000: 447). Neste sentido, ao falar dos benefícios da realização do exercício com a espingarda, Ferreira Ribeiro afirma que este “tem superior influencia na disposição moral do soldado, que reconhece a possibilidade de se mostrar distinto e desempenhar com brilho o seu patriótico trabalho militar”. Ao longo da obra são bastantes frequentes as referências aos “soldados portugueses tão patriotas” (Ribeiro, 1915: 16) e aos “nossos patrióticos soldados” (Ribeiro, 1915: 20 e 27) que formam “a nossa patriótica coluna militar” e que irão combater, ao lado dos franceses e ingleses, numa luta para “engrandecerem e salvarem a Pátria” (Ribeiro, 1915: 24). Este serviço à Pátria representa a fonte da honra da identidade masculina moderna. O homem moderno deve renunciar aos interesses individuais em prol dos interesses do Estado, sendo que o serviço a esta instância lhe confere maior honra e reconhecimento coletivo. E se o corpo masculino é a incorporação do Estado-Nação, a “honra masculina será, notadamente, a maior expressão da identidade nacional” (Lugarinho, 2013: 17). Por sua vez, Christopher Forth sublinha que a “reduction of men of different backgrounds to a shared maleness is evidence of the ‘deep, horizontal comradeship’ that is central to most conceptions of the nation” (Forth, 2008: 124). Ambos os autores destacam, portanto, que um modelo de masculinidade idealizado teve um importante papel como elemento de consenso e coesão nacional. Neste sentido, o soldado ideal surge, então, como uma figura que reúne em si todos os traços e todas as virtudes marcadamente masculinas e que são elevados a elementos representativos da identidade nacional que se pretendia projetar.

A exemplaridade do soldado como modelo do cidadão nacional ideal fica mais evidente na parte final da obra quando o autor argumenta a favor da necessidade de se difundirem as diretivas presentes na obra ao resto da sociedade civil, havendo, portanto “reformas pedagógicas e higiénicas a realizar, tanto para civis como para militares, podendo estas fazer-se com mais rapidez e de um modo mais perfeito, atenta a disciplina a que os soldados estão sujeitos” (Ribeiro, 1915: 119-120). O objetivo da extensão dos “*exercícios físicos* simples, metódicos, constantes” ao meio escolar e familiar tinha como propósito garantir a virilidade dos “mancebos” que “devem apresentar-se robustos e muito bem adestrados” no momento do seu alistamento, apesar de nessa idade ainda não possuírem o “corpo completamente formado” (Ribeiro, 1915: 120). Fica, assim, claro que mesmo antes de entrarem na instituição militar, os jovens devem já possuir uma “aprendizagem viril” de modo a poderem-se identificar com os preceitos da sua condição masculina (Jablonka, 2020: 53) e que lhes dê as “melhores condições para se dedicarem aos exercícios militares indispensáveis quando recrutados para se tornarem soldados valentes, muito ágeis, guerreiros combatentes de primeira ordem” (Ribeiro, 1915: 120). A instrução pré-militar era vista de forma positiva, por um certo setor das elites republicanas, como “forma de ter indivíduos com preparação e destreza físicas e, simultaneamente, poder dar resposta, no caso de conflito, às necessidades de uma mobilização rápida” (Brás & Gonçalves, 2009: 7). Convém relembrar que a fonte analisada é publicada em 1915⁴, ou seja, antes da declaração de guerra da Alemanha a Portugal (16/03/1916) e antes do primeiro envio de soldados portugueses para a França (que acontece apenas em janeiro de 1917, embora se combatesse em África desde 1914). Assim, a preocupação que o autor mostra com a educação viril dos jovens futuros recrutados talvez seja representativa da preocupação maior com a mobilização rápida e eficaz para uma frente de guerra que já se perspectivava como a próxima arena de combate do exército e da nação portuguesa.

6. Como alcançar a norma?

Resta analisar quais os mecanismos que o soldado deveria utilizar para conseguir corresponder à norma de masculinidade apresentada na fonte. Desde logo, importa referir que a própria guerra é apresentada como um desses mecanismos. Para Ferreira Ribeiro, “a guerra serve, o que é admirável, para robustecer, apurando-se o vigor nas lutas, que se travam” (Ribeiro, 1915: 27). A ideia do potencial regenerador (e remasculinizador) da guerra aparece com bastante frequência no pensamento ocidental europeu do século XIX e inícios do século XX, sendo uma consequência do próprio avanço da modernidade e do aparecimento de modos de vida mais tranquilos. De modo a evitar a sua feminização e corrupção, a civilização deve renovar-se periodicamente através da violência e do esforço físico rigoroso. A violência, a dor, o esforço e a agressão surgem como elementos centrais do corpo masculino ideal (Forth, 2008: 117). É dentro deste contexto que se deve analisar não apenas o papel da guerra, mas também o papel dos vários exercícios militares, expostos na fonte, que se esperava que o soldado ideal

⁴ A crer na informação fornecida pela Biblioteca Nacional, uma vez que em nenhuma parte da obra é mencionada a sua data de publicação.

realizasse de modo a conseguir incorporar a norma de masculinidade definida na obra. Segundo Ferreira Ribeiro,

“As marchas forçadas, os ataques, os assaltos, os trabalhos de campo, preparando trincheiras, todos os serviços militares em campanha, finalmente, excitam os órgãos, e formam uma *utilíssima escola de alta ginástica militar*, de que se deve recolher todo o varonil proveito, que o homem em constante luta deve saber conquistar” (Ribeiro, 1915: 28).

Os vários exercícios militares e a constante exposição à dor e a violência da luta são exaltados pela influência positiva que exercem sobre o corpo do soldado. O treino militar surge, aqui, como algo integral “to the process of masculinization as a concomitant of nation-building, a method of creating people who would both embody and serve the interests of the state” (Forth, 2008: 124). Numa parte mais adiantada da obra, o autor distingue quatro grupos distintos de exercícios que os soldados deviam realizar: “Exercícios destinados á *ginástica respiratória fundamental*”; “Exercícios destinados á ginástica flexiva”; “Exercícios destinados á ginástica atlética propriamente dita, promovendo a velocidade, o equilíbrio e a força; é a que, em geral, mais convêm adoptar” e “Exercícios destinados á *ginástica exportiva*, compreendendo todos os sports e todos os jogos especiais que, em geral, se recomendam” (Ribeiro, 1915: 93-4). A este quadro acrescenta outras tipologias de exercício, como a “ginástica cutânea” (Ribeiro, 1915: 40) e os exercícios que envolvem o manejo de armas, dando especial destaque ao exercício com a espingarda que crê ser um exercício “que constitue realmente a melhor ginastica, que um soldado pôde fazer, porque lhe põe em movimento todos os musculos do corpo e em acção muita activa todas as articulações” (Ribeiro, 1915: 16). Nesta última citação, encontra-se uma ideia bastante presente ao longo da obra, a ideia da integralidade do exercício do soldado. Ou seja, deve ser dada preferência a exercícios que envolvam a atividade de todas as partes do corpo, e aqueles que se dirijam apenas a umas dessas partes devem ser sempre complementados por outros exercícios. Com isto, o autor pretende conseguir a “adestração integral” dos soldados (Ribeiro, 1915: 26). A citação é longa, mas esclarecedora:

“A preparação física das tropas, procurando dar-lhes qualidades superiores, deve fazer-se por todos os exercícios que retemperem os *músculos* [...], a firme e plena adestração, a circulação, a respiração a nutrição, a digestão, a pele e as secreções, a saúde, em geral, a vontade, a coragem todo o corpo em fim, e por isso mesmo se devem escolher exercícios especiais a fim de se obterem bons resultados em todo o funcionamento dos órgãos, que sustentam as forças e lhes dão brilho, fazendo dos soldados homens activos, fortes, insensíveis” (Ribeiro, 1915: 81-2).

Vários exemplos de exercícios são apresentados ao longo da obra, alguns de forma tão detalhada que chegam a ocupar várias páginas. Ao invés de apenas expor tais exemplos, importa enquadrá-los dentro do conceito de “disciplinas” proposto por Michel Foucault. De facto, estes exercícios podem ser vistos como “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (Foucault, 1999: 164). O objetivo destes exercícios, mecanismos de controlo biopolítico do corpo, é precisamente criar um corpo que seja tanto mais útil quanto mais dócil (e vice-versa). Neste caso concreto, procura-se incutir nos soldados o respeito e a obediência cega aos seus superiores, tornando-os, assim, máquinas ao serviço de um ideal superior a qualquer

interesse individual, a Pátria. Segundo Foucault, desde meados do século XVIII que o soldado se tornou

“algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos” (Foucault, 1999: 162).

A ideia de integralidade acima referida é também sublinhada por Foucault, na medida em que o autor afirma que o poder disciplinar pretende exercer um “poder infinitesimal sobre o corpo ativo”. O Estado moderno acentuou a escala deste controlo biopolítico, sendo que passam a ser feitos esforços para trabalhar o corpo “detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica” (Foucault, 1999: 163). As citações que foram sendo feitas ao longo deste trabalho são prova desta tentativa de controlo apertado e detalhado sobre os corpos dos soldados portugueses combatentes na Grande Guerra. A salvação da Pátria assim o justificava. Por outro lado, para Foucault, o poder disciplinar atua não apenas sobre o corpo individual, mas também sobre a relação que este estabelece com determinados objetos. Segundo o autor, sobre “toda a superfície de contato entre o corpo e o objeto que o manipula, o poder vem se introduzir, amarra-os um ao outro. Constitui um complexo corpo-arma, corpo-instrumento, corpo-máquina” (Foucault, 1999, p. 179). É possível analisar os exercícios que envolvem o manejo de arma, apresentados na fonte, à luz destas considerações. Isto porque a arma do soldado é apresentada como sendo parte integrante do corpo do soldado. É neste sentido que Ferreira Ribeiro afirma que “todos os soldados portuguêses antes das lutas, em que entram, devem saber cuidar da arma, cuidar do corpo e do próprio intelecto” (Ribeiro, 1915: 28). A figura do soldado ideal português surge, assim, como aquilo a que Foucault chama um “complexo corpo-arma”.

Além dos exercícios físicos e militares propriamente ditos, a obra apresenta uma série de regras de higiene individual que os soldados deviam seguir à risca. De forma a combater as várias doenças potencialmente ameaçadoras, o soldado deve esforçar-se por ter “o corpo bem lavado, muito limpo” (Ribeiro, 1915: 28) e por realizar “lavagens bem feitas, empregando água e sabão, fazendo correcto enxugo e fricções apropriadas para dar á pelle perfeita reacção” (Ribeiro, 1915: 57). Os “banhos de ar” são bastante recomendados com o objetivo de “*expôr toda a pele livremente ao tempo*” (Ribeiro, 1915: 73), assim como as “*fricções*” cuja correta realização o autor procura descrever ao longo de várias páginas, chamando a atenção para o facto de que nenhuma porção de pele “por mais pequena, que seja” deve ficar “sem que seja *docemente fricionada*” (Ribeiro, 1915: 70-1). Vários outros exemplos podiam ser dados, mas o que importa referir é que estas medidas higiénicas são acompanhadas por um discurso médico que as justifica e legitima. Nas três principais partes da obra (uma dedicada à pele, outra aos pulmões e outra ao estômago e intestinos), a menção destas regras de higiene é, normalmente, antecipada por uma exposição de conhecimento médico-biológico sobre as diferentes partes do corpo de que o autor se ocupa. Assim, ao olhar para toda esta série de regras higiénicas como parte do poder disciplinar que se pretende exercer sobre o corpo do soldado, deve-se estabelecer uma relação entre estas e o discurso médico que por elas é gerado e que as

sustenta, pois como afirma Foucault, “as disciplinas têm seu discurso próprio. Elas mesmas são criadoras de aparelhos de saber, de saberes e de campos múltiplos de conhecimento”. Este discurso, continua o autor, é o discurso da regra, “não o da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra natural, isto é, da norma”, sendo que o seu horizonte teórico não é “o edifício do direito, mas o campo das ciências humanas” (Foucault, 2005: 45). O objetivo do discurso médico presente na fonte é precisamente servir de sustento a uma série de comportamentos normativos que têm como finalidade, como qualquer disciplina, tornar o corpo do soldado mais dócil e útil.

Por outro lado, a ênfase que a obra dá à higiene está relacionada com o papel que, desde meados do século XIX, era atribuído ao higienismo como forma privilegiada de combate à degenerescência da raça (Vaquinhas, 1992: 381). A publicação desta obra deve, assim, ser enquadrada num contexto mais amplo de difusão, no seio das elites médicas e científicas portuguesas, de uma autêntica “*religião higienista*” (Pereira & Pita, 1993: 525). A importância que Ferreira Ribeiro atribui à higiene fica bem mais patente quando se lê a comparação que estabelece entre a luta aos micróbios e a luta aos alemães: “*Guerra sem tréguas aos micróbios e guerra com a máxima coragem aos barbros do século XX, aos alemães tão cruéis como os micróbios*” (Ribeiro, 1915: 61), exortava o médico. Importa ter em atenção, não apenas o lugar da higiene, mas também o lugar do próprio médico na sociedade portuguesa de inícios do século XX. Ao longo do século XIX, o grupo socioprofissional dos médicos conseguiu “impor o seu saber como princípio de conhecimento, de orientação e de transformação da sociedade”, o que lhes consagrava um lugar de significativa importância junto do poder político. A crescente afirmação dos médicos mede-se “pela eficácia com que estruturaram as práticas, as mais quotidianas, moldaram os corpos e regeram os comportamentos” (Garnel, 2003: 214). Seria necessário fazer um estudo mais aprofundado acerca da figura de Ferreira Ribeiro, tendo em conta também a sua importância em relação aquilo a que à época se designava *higiene colonial*. Contudo, a leitura da obra é suficiente para entender que o seu autor olhava para a sua profissão como um profissão que devia zelar, precisamente, por este controlo biopolítico quotidiano do corpo, tão mais necessário em situação de guerra. Por outro lado, e como já foi exposto, é possível notar a preocupação do autor com o “*robustecimento da raça portuguesa*” (Ribeiro, 1915: 122), o que evidencia a sua perceção acerca da própria profissão que chamava a si “não só a cura dos corpos individuais, mas também a tarefa imensa de regenerar Portugal” (Garnel, 2003: 233).

7. Conclusão

Este estudo procurou demonstrar que a linguagem utilizada pelo autor da fonte analisada é fortemente influenciada pelo género, funcionando como mecanismo de construção de uma norma de masculinidade. A norma identificada pode ser enquadrada dentro do que Thomas Kühne chama “representations of military masculinity”, não apenas pelos atributos que a compõem, mas porque ela surge também como a “epitome of gendered concepts of nationhood and citizenship” (Kühne, 2020: 597). Por outro lado, Stéphane Audoin-Rouzeau lembra que os processos de mobilização maciça para a guerra vieram coroar a afirmação de uma norma masculina que, já no século XIX, “associara de

forma mais ou menos estreita o referente viril ao *ethos* guerreiro das sociedades ocidentais” (Audoin-Rouzeau, 2020: 419). E apesar da Guerra Total ter colocado à vista o fosso existente entre a incorporação desta norma e a experiência de combate, o facto de a “militarização da virilidade” não ter sido destruída após o conflito, mas sim refundada (Audoin-Rouzeau, 2020: 426) revela a força e o prestígio que esta norma havia adquirido na Europa ocidental. Para entender esta situação, talvez seja proveitoso recorrer à resposta que Ana Maria Alonso dá após se perguntar por que razão é que tanta gente se mostrou (e se mostra) disposta a matar e a morrer em nome da nação. Segundo a autora, uma resposta parcial pode ser encontrada “in the fusion of the ideological and the sensory, the bodily and the normative, the emotional and the instrumental, the organic and the social” apresentada pelos tropos nacionalistas e que revelam uma estratégia que passa por transformar o obrigatório em algo desejável (Alonso, 1994: 386). A norma de masculinidade identificada neste estudo de caso mostra precisamente alguns destes traços e combinações. No corpo do soldado não está inscrito apenas um modelo físico, mas sim uma mundividência, um projeto político e ideológico concreto que ganha nova força precisamente por assumir forma corporal. E é este novo simbolismo atribuído ao corpo masculino que faz com que este passe a ser alvo de intervenções regulares por parte do poder, através de vários mecanismos como o exercício físico e militar e a higiene. Este estudo de caso procurou demonstrar, na linha do que a historiografia internacional afirma, a necessidade de desvendar os marcadores de género escondidos sobre uma linguagem aparentemente neutra e universal. Desta forma, o aprofundamento das questões expostas ao longo deste estudo de caso deve ser feito através de uma reflexão mais ampla acerca da construção política da masculinidade por parte do republicanismo português.

Fonte Impressa

RIBEIRO, Manuel Ferreira (1915), *Regras práticas de higiene individual, aproveitando com grande vantagem aos soldados portugueses em campanha*, S.l.

Bibliografia

- ALONSO, Ana Maria (1994), “The Politics of Space, Time and Substance: State Formation, Nationalism and Ethnicity”, *Annual Review of Anthropology*, vol. 23, pp. 379-405.
- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane (2020), “A Primeira Guerra Mundial e a história da virilidade” in Alain Corbin (org.), *História da Virilidade 2. O Triunfo da Virilidade. O Século XIX*, Lisboa, Orfeu Negro, pp. 419-426.
- BOURKE, Joanna (1996), *Dismembering the male. Men's bodies, Britain and the Great War*, Chicago, University of Chicago Press.
- BRÁS, José Gregório Viegas; GONÇALVES, Maria Neves Leal (2009), “O Aperfeiçoamento Técnico do Corpo no Imaginário da I República. A Ginástica

- da Educação Cívica. A Educação Cívica da Ginástica”, *Entretextos*, vol. 1, pp. 1-51.
- BRAUDY, Leo (2005), *From chivalry to terrorism: war and the changing nature of masculinity*, New York, Vintage Books.
- BRYSON, Norman (1994), “Géricault and ‘Masculinity’” in Norman Bryson; Michael Ann Holly; Keith Moxey (eds.), *Visual Culture: Images and Interpretations*, Hanover, Wesleyan University Press, pp. 228-259.
- CARDEN-COYNE, Ana (2015), “Masculinity and the Wounds of the First World War: A Centenary Reflection”, *Revue française de civilisation britannique*, vol. XX, nº 1, pp. 1-8.
- CATROGA, Fernando (2010), *O Republicanismo em Portugal: Da Formação ao 5 de Outubro de 1910* (3ª edição), Alfragide, Casa das Letras.
- CORREIA, Sílvia (2023), “Framing War Disability through Masculinity: The Disabled Soldiers of the First World War in Portugal”, *War & Society*, vol. 42, nº 4, pp. 317-331.
- CRESPO, Jorge (1990), *História do Corpo*, Lisboa, Difel.
- DAWSON, Graham (1994), *Soldier Heroes. British adventure, empire and the imagining of masculinities*, New York, Routledge.
- DOMINGOS, Nuno (2025), “Physical education in Portugal: state and society (1820–1926)”, *Sport in History*, pp. 1-22.
- DUDINK, Stefan; HAGEMANN, Karen (2004), “Masculinity in politics and war in the age of democratic revolutions, 1750-1850” in Stefan Dudink; Karen Hagemann; John Tosh (eds.), *Masculinities in Politics and War: Gendering Modern History*, Manchester, Manchester University Press, pp. 3-21.
- FERREIRA, José Medeiros (1992), *O Comportamento Político dos Militares. Forças Armadas e Regimes Políticos em Portugal no Século XX*, Lisboa, Editorial Estampa.
- FORTH, Christopher (2008), *Masculinity in the modern west: gender, civilization and the body*, New York, Palgrave Macmillan.
- FOUCAULT, Michel (1999), *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão* (20ª edição), Petrópolis, Editora Vozes.
- FOUCAULT, Michel (2005), *Em Defesa da Sociedade*, São Paulo, Martins Fontes.
- FRANTZEN, Allen (2004), *Bloody good: chivalry, sacrifice, and the Great War*, Chicago, The University of Chicago Press.
- GARNEL, Maria Rita Lino (2003), “O Poder Intelectual dos Médicos. Finais do Século XIX-inícios do século XX”, *Revista de História das Ideias*, vol. 24, pp. 213-253.
- GUINOTE, Paulo (2011), “As Faces de Adão. A Construção da Masculinidade no Portugal Contemporâneo”, *Faces de Eva*, vol. 26, pp. 53-82.

- HORNE, John (2004), “Masculinity in politics and war in the age of nation-states and world wars, 1850-1950” in Stefan Dudink; Karen Hagemann; John Tosh (eds.), *Masculinities in Politics and War: Gendering Modern History*, Manchester, Manchester University Press, pp. 22-40.
- JABLONKA, Ivan (2020), “A infância ou a «viagem rumo à virilidade»” in Alain Corbin (org.), *História da Virilidade 2. O Triunfo da Virilidade. O Século XIX*, Lisboa, Orfeu Negro, pp. 37-66.
- KÜHNE, Thomas (2020), “States, Military Masculinities, and Combat in the Age of World Wars” in Karen Hagemann; Stefan Dudink; Sonya Rose (eds.), *The Oxford Handbook of Gender, War, and the Western World since 1600*, New York, Oxford University Press, S.p.
- LEAL, Ernesto Castro (2000), “Narrativas e Imaginários da Iª Grande Guerra: “O Soldado-Saudade” português nos ‘nevoeiros de morte’”, *Revista de História das Ideias*, vol. 21, pp. 441-460.
- LUGARINHO, Mário César (2013), “Masculinidade e colonialismo: em direção ao “homem novo” (subsídios para os estudos de gênero e para os estudos pós-coloniais no contexto de língua portuguesa)”, *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, vol. 5, nº10, pp. 15-38.
- MARANHÃO, Tiago (2023), “Pela defesa da Pátria: masculinidade e militarismo no Brasil (1889-1939)”, *Revista Língua-Lugar*, nº6, pp. 93-111.
- MATOS, Sérgio Campos (1990), *História, mitologia, imaginário nacional: a história no curso dos liceus: 1895-1939*, Lisboa, Livros Horizonte.
- McFARLAND, Andrew (2023), *Regeneration through sport: football, sport, and cultural modernization in Spain, 1890-1920*, New York, Routledge.
- MEYER, Jessica (2009), *Men of war: masculinity and the First World War in Britain*, New York, Palgrave Macmillan.
- MOSSE, George (1996), *The Image of Man: The creation of modern masculinity*, New York, Oxford University Press.
- NAGEL, Joane (1998), “Masculinity and nationalism: gender and sexuality in the making of nations”, *Ethnic and Racial Studies*, vol. 21, nº (2), pp. 242-269.
- NYE, Robert (1993), *Masculinity and male codes of honor in modern France*, New York, Oxford University Press.
- NYE, Robert (2007), “Western Masculinities in War and Peace”, *The American Historical Review*, vol. 112, nº 2, pp. 417-438.
- PARIS, Michael (2000), *Warrior nation: images of war in British popular culture, 1850-2000*, London, Reaktion.
- PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (1993), “Literatura Higienista no Século XIX: Pistas para um estudo”, *Revista de História das Ideias*, vol. 15, pp. 437-559.

- RAUCH, André (2020), “O desafio desportivo e a experiência da virilidade” in Alain Corbin (org.), *História da Virilidade 2. O Triunfo da Virilidade. O Século XIX*, Lisboa, Orfeu Negro, pp. 269-319.
- ROPER, Michael (2004), “Maternal relations: moral manliness and emotional survival in letters home during the First World War” in Stefan Dudink; Karen Hagemann; John Tosh (eds.), *Masculinities in Politics and War: Gendering Modern History*, Manchester, Manchester University Press, pp. 295-315.
- THIESSE, Anne-Marie (2000), *A criação das identidades nacionais: Europa - séculos XVIII-XX*, Lisboa, Temas e Debates.
- VAQUINHAS, Irene Maria (1992), “O Conceito de "Decadência Fisiológica da Raça" e o Desenvolvimento do Desporto em Portugal (Finais do século XIX/Princípios do século XX)”, *Revista de História das Ideias*, vol. 14, pp. 365-388.
- YARROW, Simon (2011), “Masculinity As a World Historical Category of Analysis” in John Arnold; Sean Brady (Eds.), *What is Masculinity? Historical Dynamics from Antiquity to the Contemporary World*, New York, Palgrave Macmillan, pp. 114-138.